

# PROFESSOR PAULO FREIRE E A QUESTÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE

## INTRODUÇÃO

A entrevista que segue foi concedida por Paulo Freire a Nedison Faria em 1994, na época professor do Centro de Educação da UFSM. Faz parte de um conjunto de oito entrevistas realizadas em função da tese de doutorado em Educação defendida e aprovada em junho de 1995 na Faced/Ufrgs. No capítulo dois da tese, “Categorias emergentes sobre o desencanto do professor”, foi trabalhado o desencanto do professor a partir do conteúdo das entrevistas realizadas com educadores, que fizeram suas avaliações seguindo uma lógica argumentativa própria.

Ao optarmos pela utilização de entrevistas, levamos em consideração o potencial desse tipo de fonte de pesquisa,

mesmo sendo uma das técnicas “mais dispendiosas, especialmente pelo tempo e pela qualificação exigidos do entrevistador. Quanto mais preparado ele estiver, quanto mais informado sobre o tema em estudo e o tipo de informante que irá abordar, maior será, certamente, o proveito obtido com a entrevista” (Lüdke e André, 1986, p.38). A riqueza das entrevistas, acreditamos, poderá ser compartilhada por todos aqueles que buscam nessas fontes subsídios para o estudo da crise da educação.

Argüindo sobre a questão da quantidade de entrevistas necessárias para uma pesquisa, argumenta Queiroz (1983, p. 56.57), com base no pensamento de Émile Durkheim, que “uma observação só, mas bem feita, ou uma única experiência bem

conduzida, leva a conhecimentos válidos. Não é a quantidade de fatos registrados que conduz a conhecimentos novos e sim a análise cuidadosa de 'fatos decisivos ou cruciais'..." Dentro dessa perspectiva, realizamos as entrevistas, em sua maioria, em uma única vez, procurando sempre respeitar ao máximo os entrevistados, a sua cultura, os seus valores, experiência, o que exige de nós, entrevistadores, como afirma Lüdke e André (1986, p. 35), "desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado." Para tanto, optamos pelo uso de gravação direta, que nos dá a vantagem de observar atenta e livremente as intervenções dos entrevistados, concordando com Lüdke e André (1986, p. 37) sobre essa técnica, que oportuniza "registrar todas as expressões orais imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado."

As entrevistas realizadas foram orientadas por uma questão básica: a pertinência da temática do desencanto do professor, os fatores que estão implicados e indicadores de superação, constituindo os conteúdos que queríamos investigar, construindo/reconstruindo a fundamentação teórica. Esse fazer científico exigiu-nos a crítica reflexiva das técnicas e dos procedimentos, registrando contradições e diferenças. Em lugar da certeza, dos conhecimentos prontos, fechados, visamos à constante e necessária busca de novos conhecimentos, o que nos exigiu uma postura de inserção no projeto e na ação de pesquisar, rompendo com o mito da ciência neutra, sobre a qual Japiassu (1975) amplamente argumenta.

Ao revisar a literatura sobre os instrumentos de pesquisa, encontramos na entrevista, segundo Lüdke e André (1986, p. 34), a oportunidade de permeá-la com relações de "interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde". Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas (ou semi-estruturadas, como é o nosso caso), nas quais não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que, no fundo, são a verdadeira razão da entrevista. À medida que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica.

Inspiramo-nos em Berger (1974, p.215) para favorecer esse clima de descontração na realização das entrevistas, pois o autor afirma que, "numa comunicação descontraída, os entrevistados tendem a uma franqueza maior nas suas respostas." Essas relações comunicativas oportunizam uma interação mais estreita com todos os entrevistados. Essa interação verbal, segundo Berger (1974, p. 245.256), "supõe que os entrevistados possam expor, de modo preponderantemente verbal, suas concepções sobre determinados temas e que se pode obter informações sobre a consciência social, (...), através de indicações verbais (...) fazendo com que nas entrevistas construíssemos uma forma de diálogo intensivo."

## ENTREVISTA

**Nedison:** O que me trouxe aqui foi a intenção de fazer uma entrevista motivado pela sua experiência educacional ao longo dessas últimas décadas, em especial, quando a gente flagra, digamos assim, uma crescente apatia, um desânimo, um desencanto do professor e da professora pelo seu exercício profissional. Então, eu trabalho na minha proposta de tese de doutorado em Educação exatamente estas questões: algumas categorias básicas, a causa do atual desânimo e a apatia no fazer do profissional docente da educação. Coloco a questão do conhecimento e da superação da dicotomia teoria e prática, como num roteiro semi-estruturado, como um dos elementos que parece fundamental para ser analisado. Coloco também essa recuperação filosófica da questão do trabalho e de como essa categoria foi incorporada pelo magistério e, por último, levanto um leque de alternativas possíveis às práticas educativas, às práticas co-participativas. É, digamos assim, uma proposta de constatar uma realidade, que, afinal de contas, está aí, que é basicamente essa apatia. No fundo, quer-se analisar as causas disso, colocando a questão dos princípios epistemológicos e filosóficos que estão subjacentes a essa crise e as alternativas possíveis. Aqui estão as categorias que eu gostaria que fossem abordadas em nossa conversa. A idéia é analisar algumas entrevistas e também alguns discursos, baseados nas suas publicações. Levan-

tei este roteiro semi-estruturado sobre o conhecimento, o trabalho, a superação da dicotomia sujeito e objeto, o próprio processo do conhecimento como uma sugestão que arquitectei aos entrevistados e que me parece básico ao tratar a questão do desânimo e do desencanto do profissional docente da educação. Se o profissional docente não tem clareza dos princípios basilares, ele não resiste às turbulências e, automaticamente, cai em frustração, em desânimo. Já, os princípios firmes, seguros, convictos, assumidos com convicção, me parece, poderão ser uma alternativa a ser confirmada ou não.

**Paulo Freire:** Eu acho que essa questão do gosto da docência, isso que o povo, de modo geral, chama de *vocação*, afinal de contas, tem a ver um pouco com a infância da gente, tem a ver com as fantasias da gente quando menino, quando adolescente; tem a ver um pouco com as ligações afetivas da criança, com seu pai, com sua mãe; a projeção de certos sonhos do adulto na criança; a vontade de fazer algo, entende? Eu acho que isso tudo é profundamente importante no gosto da docência, que a gente depois fabrica à medida que faz docência, quer dizer, você pode até ter antes o sonho da docência, mas o *gosto* da docência você faz à medida que você faz docência. Eu acho que isso tudo tem a ver profundamente, também, com uma certa clareza política, mesmo que num certo momento você nem saiba que é política, mas um certo impulso que você tem com re-

lação, por exemplo, ao problema das desigualdades, o problema da justiça. Às vezes, num determinado momento, isso fica muito preso a um certo ideário religioso, por exemplo: chega um momento em que a coisa se clarifica do ponto de vista de um gosto político, quer dizer, você, no fundo, às vezes, descobre que ama especialmente a capacidade, a atividade docente porque você acredita numa certa coisa, você acredita que o mundo não está correto; você acha que tem qualquer coisa de profundamente errada aí na realidade da gente e que é preciso mudar. Então, você entende que a sua atividade docente - mesmo que você já entenda isso dialeticamente, você já saiba que a atividade docente não é a fazedora da transformação do mundo - você descobre que, sem ela, o mundo também não se transforma. Se, de um lado, a educação não é a chave do outro, não se faz sem ela, a transformação não se dá sem ela. Nesse momento, você tem uma opção política a que você junta uma cor ideológica, aí você dá carne e espírito ao seu gosto docente. Nesse sentido, as desilusões que você sofre no percurso da docência podem ser superadas por esse gosto político e por essa vocação da transformação do mundo. Aí você passa a brigar contra os governos, entende? Então você não cai na apatia, no desencanto. Eu acho que o problema do desencanto tem uma razão muito fácil, por exemplo: você pode compreender facilmente por que é que o corpo do-

cente, em certos momentos, fraqueja na medida em que você observa, historicamente, neste país, como a educação tem sido destratada e com ela o destrato amargo do corpo docente. E uma das marcas do destrato do docente e da docente está exatamente no salário que se paga a eles. Então, o miserável salário com que se paga a nós, a todos os níveis deste país, nos leva a uma apatia, a um desencanto na medida em que você não tenha uma certa força maior para se sustentar na briga, entende? Então, eu concordo contigo que o descalabro da educação brasileira e esse amor de cimento que a gente encontra em grandes faixas do magistério brasileiro têm a ver com um descaso do poder público histórico pela educação brasileira. Por isso é que eu acho que uma das lutas dos partidos políticos, dos sindicatos deveria ser a motivação político-ideológica do corpo docente para que ele se assuma como uma dimensão da classe trabalhadora que precisa brigar. Eu acho que você está certo. É isso mesmo enquanto você não reconhece a politização da prática docente. Quando você reconhece que a prática docente é política, aí você tem que assumir. Então você assume a prática política como uma opção que fique clara. Eu não digo até que o ideal para mim é quando o professor se assume partidariamente, mas, às vezes, você encontra também uma grande quantidade de gente que diz: "Puxa, olha, eu sei que essa coisa é política, eu sei que eu

preciso saber cada vez mais votar melhor, mas eu não entro nesses partidos que estão aí, nem no PT". O PT tem uma meia dúzia, meia dúzia uma conversa, um pouco mais de meia dúzia de gente muito fanática, muito porra-loucas, e se termina comandado porque os porra-loucas são grandes militantes, entende? Então, eles terminam ocupando os espaços que os não-porra-loucas não querem assumir. Eu não tenho uma militância todo o dia nas ruas, então um porra-louca vem e me substitui. Só que ele faz vinte vezes mais que eu com o meu livro e pode sacudir o PT na coisa maluca. O Lula está vendo aí agora como é: não consegue fazer acordos com os próprios técnicos da esquerda porque os porra-loucas do PT não deixam.

**Nedison:** Não querem!

**Paulo Freire:** Mas eu acho, inclusive, que pode haver um cara que visualize muito bem a política no país e não queira entrar nos partidos. Mas eu preciso é ter a certeza de que a sua prática pedagógica é política. Ele não tem o direito de morrer ingênuo, precisa saber que é.

**Nedison:** A prática pedagógica não é neutra, ela é comprometida, quer querendo manter quer não.

**Paulo Freire:** Num momento, por exemplo, de uma prática que é, em si, comprometida e eu não me comprometo, eu ajudo exatamente os inimigos do povo. É como o negócio de Pilatos: cruzou os braços diante da injustiça, assumiu a injustiça.

**Nedison:** Lavou as mãos.

**Paulo Freire:** É interessante que você desenvolva esse trabalho assim porque eu acho que, quanto mais a gente disser, escrever com sentido de que essa coisa é isso mesmo, é uma forma de contribuir. Eu, agora, quando deixei a secretaria, eu tentei contribuir, tentei convencer Erundina e minha equipe também que eu estava querendo voltar para casa, porque eu estava com saudade de escrever e de ler. Houve gente que pensou que eu estava brigado. De jeito nenhum, eu me sentia integrado com Erundina e com a sua opção. O partido é que brigava com ela e comigo também. Eu fiquei contra isso. Gritei, esperneei e dei de cara com gente grande. Mas voltei para casa, e agora terminei o quinto livro, de maio de 91 para cá, que deve sair dentro de um, dois meses. E um deles, a *Pedagogia da esperança*, em que eu reanaliso a *Pedagogia do oprimido* no ponto de vista político, me permito dizer que está uma gostosura. Porque eu critico todo esse discurso neoliberal que nega as classes, que nega os conflitos, que nega a ideologia, que nega a história. Eu vi que isso tudo é mentira e mostro que, como nunca, o socialismo, enquanto sonho e utopia, teve tanta chance quanto hoje. E agora, nesse que eu termino, eu também classifico outros pontos num outro livro que eu escrevi, que saiu no ano passado, que é *Professora sim, tia não*, onde eu também critico a ideologia da desprofissionalização. O outro é um livro pe-

queno, *Política e educação*, da Cortez, e um outro é *Educação na cidade*, que é quando eu falo como secretário da Educação, livro de entrevistas onde eu falo dos sonhos nossos da política educacional.

**Nedison:** Todos eles publicados.

**Paulo Freire:** Sim. A Paz e Terra publicou a *Pedagogia da esperança*; a Cortez publicou a *Educação na cidade e Política e educação*. É uma editora novinha que tem aqui em São Paulo agora, de um rapaz jovem, que é, ao mesmo tempo, dono, secretário, telefonista - e eu gosto de gente que é assim com boa visão política - que me perdeu...

**Nedison:** Professora sim, tia não.

**Paulo Freire:** Sim. Professora sim, tia não. Ele me pediu para escrever esse, me deu até o título. Eu escrevi em dois meses, e ele já está na terceira edição.

**Nedison:** Qual é a editora?

**Paulo Freire:** Essa é a editora Olho D'água, é um nome muito bonito até. Ele criou essa editora, ele trabalhou muito em editoras grandes e ganhou a prática do negócio. Ele tem não apenas o gosto daquilo que ele já sabe fazer, mas estabelece ligações com o magistério todo, escreve cartas. Quando o livro sai, já tem estado ou espírito a favor do livro, quer dizer, eu não sei se ele vai agüentar esse rojão. Já publicou sete livros. Será ele, com vinte, trinta, cinqüenta, que continuará fazendo o mesmo? Possivelmente não. Mas, com esse

trabalho dele, meu livro chegou na terceira edição, já tendo vendido 1 500 volumes da terceira, quando acaba de sair. Não é só por causa do meu livro. Que ele é bom é, mas não é só a bondade dele, é o trabalho do menino. Se o meu livro tivesse sido publicado pela própria Paz e Terra, possivelmente estaria na segunda edição. Cabe salientar que o subtítulo desse livro é *cartas a quem ousa ensinar*, e, nessas cartas, eu escolhi oito, dez temas importantes: o primeiro dia de aula, por que é que eu sou professora. E aí eu faço uma análise política. Quem ler esse livrinho, eu acho que vai brigar, ou então fica cínica. Não pode mais é dizer "não me interessa isso"; não pode. Tem que dizer: "É isso mesmo eu tô cínico, com raiva", ou então assume. Relações entre professor e aluno, o que é, como se faz uma disciplina intelectual, o que é criatividade, são assuntos muito viáveis de nós todos como professores. Você desculpe que eu sugiro que vocês leiam estes livrinhos.

**Nedison:** Estou captando, eles vêm ao encontro principalmente dessa necessidade de clareza política. O inverso seria exatamente a consequência do desencanto, ou seja, a não-clareza levaria a essa apatia, a esse desânimo, exatamente porque não visualiza sequer um projeto de sociedade, sequer um projeto de pessoa compromissada.

**Paulo Freire:** Não tem idéia de por quê, de qual é a contribuição que pode dar. Ou você idealiza isso e pensa

que seu trabalho é de fazer corações, você cai numa mística sem sentido concreto, ou você fica cínico também, fazer aquilo por fazer e só quer o seu salário no fim do mês. Mas o que é preciso é querer ser o salário, é brigar pelo salário, mas brigar também pela prática docente. É isso que eu acho que o professor tem que fazer, é superar esse tipo de briga dentro do seu ciclo apenas, mas passar a brigar pelo espaço pedagógico, pela importância desse espaço; brigar pelas condições melhores para que você possa ser docente, mas partindo da briga pelo salário, entendeu? Eu acho que a briga pelo salário é um ponto que deve ser inequívoco. Nesse livro que eu terminei agora, eu chego a sugerir às famílias que, quando têm os seus filhos sem classe por causa de greve, que elas se levantem contra o Estado, e não contra os professores porque as famílias juntas devem fazer é brigar contra o Estado. É o Estado, não são os professores que deixaram de dar aula a seus filhos; é o Estado que está proibindo que os professores dêem aula. Tanto que um advogado das professoras aqui de São Paulo que entrou em greve na época pediu permissão para usar uma página ou duas do livro ainda não publicado para defender o aspecto jurídico dele e levar a família à briga contra o Estado. É isso que tem que se fazer. É uma vergonha, criticam esse argumento. Inclusive eu ouvi quando eu era secretário, por exemplo, que é possível atender a um pedido dos

procuradores, que são advogados, são os que mais ganham em quase todas as estruturas de administração, que eles fazem lei também, os juristas. Então eles ganham uma fortuna. Mas os argumentos dos outros da administração são assim, por exemplo: toda a gente pode atender aos procuradores porque eles estão pedindo 250%, mas eles são só setenta, mas professores são trinta mil. Esse argumento é falho, você entende? Esse argumento é sacana.

**Nedison:** Que não representa tanto assim na folha de pagamento.

**Paulo Freire:** Pois é, exatamente. Você tem o quê? A disparidade, rapaz. É preciso brigar neste país para que nunca mais um homem público ou uma mulher pública possa usar o argumento que o Fleury usou aqui - e eu citei isso também no meu livro - quer dizer, que nenhum homem público jamais possa dizer: "As professoras têm razão. Realmente, o salário é baixo, mas eu não tenho dinheiro para pagar melhor". Tem que ter, entende? Aí vem com essa história de dizer quando é candidato que a educação e saúde são prioridades. Precisa se confirmar quando se eleger, e a comprovação dessa afirmação é dinheiro. Não há prioridade sem dinheiro. Não há. Você diz à massa popular que a prioridade do seu governo é a escola e depois você se eleger e diz: "Olha, sinto muito, mas eu não tenho dinheiro para fazer escola". Então não é prioridade.

**Nedison:** Tem que dar um jeito de arrumar o dinheiro.

**Paulo Freire:** Tem que dar um jeito porque se você for orientar a política dos gastos públicos, se você conseguir evitar os desperdícios na economia brasileira, você só resolve o problema de dez milhões de alunos. Se você passa um mês ouvindo o noticiário das televisões, isso dá uma boa pesquisa, registrando os desperdícios. Por exemplo: instrumentos para hospitais, instrumentos norte-americanos comprados por dois milhões de dólares estão sendo estragados no depósito do hospital tal. Isso aí eu estou cansado de ouvir, é um absurdo. Não sei quantas toneladas por semana que se perdem de verduras em São Paulo, só em São Paulo. Outro dia eu estava no supermercado com a Nita fazendo compras e cheguei na seção de verduras, onde estava um jovem que trabalhava no supermercado. Ele de pé, um monte de caixas de tomate e um caixão, e o trabalho dele era o seguinte: ele atirava tomates absolutamente bons no caixão de lá, que estava ficando quase como o de cá, cheio de tomates jogados fora. Eu disse à Nita: "Quantos meninos nem comeram hoje neste país e o tomate bom posto fora". Quer dizer, é uma coisa que, se você fizer os cálculos dos desperdícios desse país, você teria dinheiro para fazer escolas para os meninos que não têm escola. É uma coisa horrível.

**Nedison:** Professor Paulo Freire, essas categorias que colocamos para a sua

argumentação, o senhor acha que realmente têm sentido ir à frente em nossa pesquisa? Tanto na questão do conhecimento quanto na questão do o professor ou professora não estarem embasados em princípios como norteadores da sua prática, eles podem, realmente, cair nessa frustração nesse deservanto docente?

**Paulo Freire:** Eu acho que pode. Eu concordo contigo ao te preocupares com este ponto: a questão do conhecimento, que, possivelmente, de forma mais abrangente, você poderia dizer é a questão da formação política, ideológica e técnica do professor, da professora. Isso é absolutamente fundamental. Eu não tenho medo de errar, por exemplo, dizendo que grande parte das dificuldades, dos problemas que nós temos, está - eu não quero fazer injustiças - na péssima formação, que nem sempre é uma péssima, mas uma má formação do professor e da professora do ponto de vista científico, do ponto de vista testemunhal. Quer dizer, isto é, para mim, também responsabilidade do Estado. A formação docente, eu acho que é uma das obrigações do Estado e, por outro lado, é uma das obrigações fundamentais da categoria do magistério. Eu acho que, numa perspectiva política progressista ou política improgressista, o magistério não poderia, nem deveria ficar totalmente entregue à boa-vontade do Estado para cumprir o dever dele de melhor formar. Eu acho que a categoria, através dos seus órgãos, portanto, dos seus sindicatos, deveria se

preocupar também com a formação permanente de seus quadros. Porque, afinal de contas, cabe a nós próprios nos formarmos também numa perspectiva política, que luta em defesa dos interesses do povo, dos interesses da classe a que a gente pertence. Mas eu não tenho dúvida nenhuma de dizer - você chamou, aqui essa questão amplamente de *formação, conhecimento* - que entendo a abrangência também do conceito de conhecimento. Eu acho que esse é um dos elementos que a gente pode levar em consideração e tem que levar na avaliação da prática docente e na avaliação do próprio equívoco na prática, do erro cometido na prática, da falta da chamada *vocação*, que não existe como uma coisa abstrata.

**Nedison:** Além desse destaque, dessa categoria, o senhor salientaria um outro? Talvez quanto àquela separação entre os conteúdos e a coisa do dia-a-dia, do cotidiano, da teoria e da prática. Parece-me dicotomização gritante. A superação disso me parece algo fundamental. E o senhor, o que tem a argumentar?

**Paulo Freire:** A superação disso se dará na reorientação da prática formadora do professor. Quer dizer, se você faz uma formação, isso você chamou de *conhecimento*, você orienta a prática formadora do professor numa perspectiva processual, numa perspectiva dialética, contraditória. Necessariamente, você parte para superar a contradição, o antagonismo

entre prática e teoria, a dicotomia entre prática e teoria.

**Nedison:** Então, o senhor coloca a superação na relação direta desse redimensionamento da própria formação?

**Paulo Freire:** Eu acho que numa boa formação está incluída a questão da relação prática-teoria, quer dizer, se a formação for uma formação cientificamente bem feita, aí estará posta a superação da dicotomia. E há um cem-número de caminhos didáticos, metódicos para você superar a superação; você pode trazer inclusive a prática, não necessariamente da própria professora em cuja formação você trabalha, mas a prática de outra professora para dentro da classe dela. Você pode trazer um vídeo. Você consegue fazer um vídeo com a permissão, por exemplo, de outras professoras, que estejam atuando na sua prática docente em escolas públicas e você consegue autorização para fazer um vídeo e levar para dentro de sua classe. Você traz a professora A, B ou C dando aula, projeta o vídeo na sua classe; as suas alunas assistem ao trabalho de trinta minutos do vídeo que você tem e depois você discute com elas a prática daquela professora, está entendendo? Quer dizer, “você perceberam alguma falha na professora?” “Ah! Percebemos”. “Qual foi?” “Quando ela fez tal coisa”. Aí você fala assim: “Por que isso falha?” E aí você vai encontrar, por exemplo, problema de relacionamento professor-aluno, deficiências na abordagem

do objeto que a professora fez. Você pode fazer um baita debate com suas alunas sobre uma pluralidade de aspectos vividos na prática da outra professora. Mas ninguém faz nada parecido. Quando eu digo *ninguém*, quero dizer não é o comum. Mas bem, eu acho que você pode provocar as alunas, por exemplo, a estudarem o relato da experiência de uma professora. Você pode pedir à professora para escrever um relato de seu dia-a-dia. Afinal de contas, às vezes me dá mal-estar porque não estou podendo fazer essas coisas. Eu gostaria de fazer isto também, mas não posso. Eu hoje tenho outro ângulo de vida, mas tem um mundo de coisas para fazer. O que é que se diz do professor? Que ele cumpra um determinado programa que nem ele fez e ele precisa fazer discurso sobre aquela matéria. Quer dizer, você teria um professor de uma escola chamada de "formação de professores", não é isso que chamam? Teria, sim. Começa que ele ganha uma miséria. Para ele, ganhando uma miséria como ele ganha, ele tem que ter oito, nove, dez, vinte classes. Na medida em que ele tem vinte classes, como é que ele pode se dedicar à formação boa de duas? Não pode. É impossível. Quando faz a proposta, você termina abstrato, metafísico, porque a realidade não comporta a sua proposta. Agora, você veja, o que me dá raiva é que essa realidade brasileira comportaria do ponto de vista do Estado, se houvesse seriedade. Você viu agora, por exem-

plo, quanto foi que nós, no Brasil, perdemos com esses anões? E fica por isso mesmo, você está vendo, já estão querendo fazer arranjos para que nenhum deles saia do Congresso. Não creio que chegue a isso, eu acho que vão sair, uns vão sair, o que já é alguma coisa. Mas e os milhões de dólares que essa gente carregou para dentro de casa? O ex-diretor, que era esse que matou a mulher, que foi quem denunciou, José Carlos, ele tinha três ou quatro milhões de dólares em casa.

**Nedison:** Fora as contas na Suíça.

**Paulo Freire:** Exato, entende? Quer dizer, aí está a raiva, porque você vê que esse país, refeito, iria longe com a capacidade criadora que o brasileiro está tendo ainda, apesar de tudo.

**Nedison:** Nesse sentido, só fazendo um parêntese nessa análise contextual, Paulo Freire, o senhor acredita na proposta do PT com o Lula?

**Paulo Freire:** Acredito e vou votar no Lula obviamente. Eu acho que Lula e nós do PT precisamos nos fortificar para não deixar que a cabeça da gente seja tomada antes de ter uma vitória. Eu acho que é bobagem, tem que enfrentar isso com muita seriedade. Segundo, porque vai depender exatamente de como trazemos à realidade nacional a possibilidade de governar. É preciso que o PT saiba, se se pensa dialético, que a possibilidade de governar não existe como categoria metafísica. É uma categoria histórica que nós temos que criar. Quer

dizer, a possibilidade não é recado, não é presente de Deus. A possibilidade histórica é criação do homem e da mulher, a gente é que cria a possibilidade, e não papai do céu. E a gente não pode criar a possibilidade impossivelmente.

**Nedison:** Nesse contexto político, vale ressaltar que possíveis outras relações com outras forças são necessárias?

**Paulo Freire:** Tem que ser feitas, a não ser que, olha, eu te digo o seguinte: política é arte concessiva, quer dizer, você só faz política através da concessão. Agora, é preciso definir *concessão*. O que é *conceder*? Conceder não é acabar-se, quer dizer, eu concedo a vocês na medida em que não ultrapasso um certo limite a partir do qual não me cabe conceder, ou eu me deterioro, eu deixo de ser. Então, por exemplo, o PT não pode fazer concessões que firam pontos fundamentais de sua convicção política, ideológicas, de seus princípios, que são éticos e políticos. Mas, fora disso, conceder entre diferentes é a prática normal da política. E conceder entre antagônicos, às vezes, é uma necessidade imperiosa do próprio crescimento e da própria vitória. Por exemplo, uma coisa que eu dou sempre como exemplo, e sobre a qual eu escrevi na última parte da *Pedagogia da esperança*, foi a visita que fizemos, Nita e eu, em 1992 a El Salvador. O exemplo de El Salvador devia estar sendo difundido pelo mundo, pois El Salvador fez, para

mim, a coisa mais bacana em termos de história política recente. Cinco movimentos guerrilheiros diferentes, que brigavam entre eles, resolveram, primeiro, acertar as suas diferenças. Partiram de que tinham um objetivo igual e tinham caminhos diferentes para obter o mesmo objetivo. Então, por que não acertar esses caminhos? Arrumaram-se e unificaram-se; depois, partiram para ter uma conversa com a direita. A gente continua brigando e a gente tem para brigar com vocês o que ninguém imagina. Vocês também têm para brigar com a gente, que a gente sabe já. E nessa briga - é claro que o discurso não foi propriamente esse, mas essencialmente foi esse - o povo nosso é que paga, é que continua não comendo, é que continua morrendo. O pau cai nele; no de vocês, não. Vocês têm indústrias, têm isso, têm aquilo e são políticos. Não cai nada. Pode acontecer que, eventualmente, um de vocês morra e um de nós morra, mas a massa popular é que está morrendo. Então nós vamos fazer o seguinte: por que não conversar? Por que não fazer um acordo em nome da possibilidade de morrer menos gente. Então, nós cedemos, uma coisa fundamental para vocês: paramos a briga e vamos ver o que vocês cedem a nós. Começaram a discutir programa de governo. A direita disse: "A gente pode conceder isso no social, no econômico". "Está ótimo. Isso aqui serve para nós". Então, resolveram, no diálogo dos dois, trazer a ONU para dentro. Aí a ONU

veio para dentro com oficiais brasileiros, com oficiais argentinos, paraguaios, canadenses, o continente Sul e Norte todo. E esses exércitos lá começaram a aprender que a coisa, que a esquerda queria não era sempre o mesmo. Eu tive um papo com um coronel do Exército brasileiro fantástico, que disse a mim: “Olha, você nem imagina o que eu estou aprendendo aqui. Uma coisa fantástica. Resultado, o líder principal, que é Joaquim Vila Lobos, esteve aqui em casa me visitando em 1992 e me disse ‘Paulo, conversa com o PT, conversa com PT’. E eu disse a ele: olha, eu acabo de escrever sobre vocês e digo que uma das coisas mais sábias de vocês foi a seguinte: descobrir que, se a guerrilha ganhasse o poder, perderia a guerra. Quando vocês descobriram que não adianta ganhar por ganhar porque perde em seguida, vocês preferiram, em lugar disso, ganhar mesmo daqui trinta anos, quarenta anos. Isso é que é senso histórico. “Então, você sabe que ele que queria ser o candidato quase certo do ganhador. Não é! As cinco guerrilhas resolveram que não têm candidato; vão apoiar um candidato da semidireita. É mais sábio ter um homem meio-cá, meio-lá, mas decisivo no poder do que um de nós que perde três vezes e passa agora cinquenta anos para recuperar. Então, é melhor perder agora, não se expor agora e ganhar mesmo quando os medos da vitória da esquerda já não tenham significação. É preciso que a esquerda saiba que ela também a

destrói, porque ela inventa na cabeça do seu inimigo um perfil dela que nem sempre corresponde. Você começa a ter medo da esquerda que vai comer menino de rodízio, de quanta gente nós ouvimos com relação a Lula. Eu tive quase uma briga aqui em casa com um sujeito reacionário que, durante aquela campanha, me disse com muita arrogância que, com Lula, as escolas privadas seriam todas fechadas. Eu fiquei irritado e disse: “Olha, Fulano, eu não vou ser ministro, mas pode ser que eu vá ser ministro de Educação do Lula. Eu quero te dizer o seguinte: que eu não sou um homem burro. Não, eu sou um homem inteligente. Você está a dizer para um provável ministro de Educação que a gente vai fazer uma merda que eu não faço nunca, que é fechar as escolas privadas do Brasil para que, no dia seguinte, não tenha nenhuma escola para atender ao público”. Quer dizer, a gente pode ser chato, mas burro não é não. Eu tive um pega com ele aqui. O cara bem convencido, é um sujeito de alto nível. Uma esquerda que tem um perfil como esse tem que trabalhar primeiro para acabar com esse perfil. E não pode acabar esse perfil. Então, por exemplo, quando se diz: “Lula se elege e não se empossa”. Conversa fiada para mim, ele se elege e se empossa. O que me preocupa não é saber se ele se empossa, é saber se ele governa, é isso que me preocupa. Porque ele vai se empossar, vai, ah! vai, mas pode não governar. Daí a necessidade de você preparar poli-

ticamente novas forças, novos acordos. Agora, o que você está vendo então? Está todo mundo que poderia ser esquerda se arregimentando, expuriamente, parte para Lula não ganhar, do Brizola ao Paulo Maluf. Como é que você pode ver isso? Eu não tenho dúvida nenhuma que o PSDB seria uma dialogação fundamental conosco. A gente quer mais do que o PSDB, mas o que a gente quer é demais e talvez não possa ser feito. Está vendo aí agora? O Congresso vota aquele negócio para nós pagarmos, mas, no dia seguinte, não comparece para os usineiros e os industriais não pagarem. Agora, num país como esse, você pode ser governo na base do “sou macho”? Não, não é não! Então, esse é o meu medo. Ainda anteontem, eu vi um almirante dando uma entrevista numa televisão e perguntaram a ele: “Almirante, por que o governador da Bahia disse que, se o Lula ganhar, ele não governa dois meses?” Não, é um equívoco. Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que o Lula é um homem competente, um homem prático, um homem que sabe muita coisa que os outros que estudaram em universidade não sabem. Ele sabe que não se governa na base da vontade individual, ele sabe que há uma diferença entre o discurso do candidato e a prática do eleito. Então, ele parte com uma predisposição para governar. Ele vai ter que fazer as concessões que o governo exige. Ele não é irresponsável. Então, não vejo por que se pense nisso. As Forças Ar-

madas vão reconhecer. E é isso que vai acontecer. Mas o meu problema é se ele tem governabilidade ou não, e ele não pode ter sozinho. Deve ser de todas as revoluções que chegaram ao governo com bala, e não se mantiveram”.

**Nedison:** A questão do poder é complexa.

**Paulo Freire:** Agora, você quer, a partir daí, dar uma de Deus é uma contradição do revolucionário, que diz que Deus não existe. Você quer transformar sem Deus porque tem a revolução, dá no que deu na União Soviética. Então, meu medo é esse porque tem companheiro nosso do PT, um esquema de muita gente nossa do PT, que diz que ainda tem uma porção de poste nas principais cidades do Brasil com força para enforçar a burguesia nacional. Não quer dizer que a gente deve dar biscoitinhos para a burguesia nacional, mas a gente reconhece que ela existe como força, como poder político, poder econômico. E não se pode acabar isso na base da força.

**Nedison:** É, no Rio Grande do Sul, com o Olívio, a coisa está se encaminhando, Paulo Freire, embora esse mesmo processo que o senhor fala, em termos nacionais, de todas as forças se juntarem, esteja sendo sentido também.

**Paulo Freire:** Está bem, é? O PT é um partido que tem coisas fantásticas. A CPI do Orçamento é uma coisa fantástica. Mas isso só também não trabalha.

**Nedison:** Uma outra categoria ainda a destacar é a categoria do trabalho.

**Paulo Freire:** Olha, eu concordo contigo, mas deixa para falar um pouco mais depois. Eu acho que isso também é fundamental, isso seria um corte no processo de formação. Caberia no processo formador do futuro professor, da futura professora, uma recuperação, uma revisão, uma recompreensão do que é o trabalho enquanto fazedor de nós. Afinal de contas, a gente se faz no trabalho. O trabalho nos recria enquanto a gente o faz, ou enquanto a gente o tem. Eu concordo contigo. E fazer uma análise, por exemplo, com o educando que ele, ao mesmo tempo, trabalha e brinca. Entende? Mas há um lado sério, programático de sua atividade brincalhona, que é exatamente uma faixa do trabalho dele: a responsabilidade. Quer dizer, é outro campo, outra dimensão, onde a gente teria milhares de coisas para desenvolver. Mas, em suma, eu estou de acordo. Talvez eu lendo isso me lembrasse de um outro dado qualquer, uma outra dimensão para te sugerir. Mas, na minha impressão, se você faz em torno disso, está fazendo bem.

**Nedison:** Professor Paulo Freire, eu agradeço a sua atenção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, Hartwing. *O dilema da entrevista de pesquisa*. Trad. Faced/Ufrgs, 1974.
- JAPIASSU, Hilton. *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- LÜDKE, M; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da formação viva*. 2.ed. São Paulo: CERM/FFLCH-USP, 1983.